

BRASIL ENERGIA



Após surpresa, mercado espera continuidade na gestão de Almirante Bento

Novo ministro terá desafios importantes a resolver de imediato, como a questão do risco hidrológico

Por Marco Sardenberg, Matheus Gagliano e Antonio Carlos Sil — Última atualização em 3/12/2018

O setor elétrico nacional já repercute a escolha do almirante de esquadra Bento Costa Lima Leite de Albuquerque Junior para comandar o Ministério de Minas e Energia. O novo ministro é diretor geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha. O anúncio foi feito nesta sexta-feira (30/11) pelo presidente eleito Jair Bolsonaro através de sua conta no twitter.

O mercado reagiu com certa surpresa à escolha do presidente eleito, porque esperava por um nome técnico para ocupar a pasta, embora fosse de conhecimento público uma disputa entre a ala militar e representantes de partidos para emplacar quem seria o titular do ministério. Entre os nomes considerados até então estavam os do ex-secretário executivo do MME, Paulo Pedrosa, e do diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE) e ex-diretor da ANP, Adriano Pires.

Agora, com o nome já definido, a expectativa do setor é que o novo ministro dê continuidade às transformações iniciadas pelas gestões anteriores e resolva questões que ainda travam o mercado, como o risco hidrológico (GSF), por meio de uma equipe técnica e estruturada. Isso sem contar se a Eletrobras não conseguir privatizar as distribuidoras do Norte e Nordeste, em especial a Amazonas Energia. A distribuidora amazonense está com leilão marcado para 10 de dezembro e a expectativa de atrair possíveis interessados tem se mostrado pequena.

Para Daniel do Valle, especialista na área de energia do escritório ASBZ Advogados, é necessário que o mercado dê um voto de confiança ao novo ministro, lembrando a indicação, em 2016, de Fernando Bezerra Coelho Filho, que também gerou desconfianças por ser um nome até então desconhecido na época, mas que acabou sendo bem reconhecido pelo setor elétrico.

“O fato de o ministro ter sido escolhido fora do ambiente político já demonstra a intenção do presidente da república de blindar o setor”, destaca Cláudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil.

Segundo o executivo, o setor elétrico brasileiro está em um momento extremamente desafiador, tanto do ponto de vista tecnológico, com a expansão das fontes renováveis e geração distribuída, como da mudança do perfil do consumidor, que está deixando de ser passivo e com possibilidade de se tornar o produtor da própria energia.

Rodrigo Sauaia, presidente da Absolar, considera positiva a escolha do Almirante Bento Costa Lima e espera que o país entre em uma nova fase com a abertura do mercado de energia, trazendo mais autonomia e liberdade para o consumidor. Sauaia disse, também, que a Absolar irá iniciar o processo de diálogo, em especial com o novo ministro, para apresentar as atuais perspectivas da energia solar no país.

Embora o novo governo tivesse opções de nomes de reconhecido conhecimentos técnicos para gerir o MME, uma nova visão pode ser benéfica para resolver as questões da pasta energética e retomar o curso da racionalidade, conforme reconhece o presidente da Abrace, Edvaldo Santana.

Já a Abradee parabenizou, por meio de nota, o presidente Jair Bolsonaro pela escolha e disse que a carreira e a experiência do almirante “credenciam nossas expectativas de uma gestão bem sucedida à frente do MME e colocamos à disposição para contribuir para os aperfeiçoamentos que o setor elétrico tanto necessita”. Para isso, a entidade espera pela formação de uma equipe técnica qualificada, que preze pelo diálogo e a boa convivência.

A Abraceel, por sua vez, desejou sorte ao novo ministro, destacando a expectativa de que os consumidores tenham a liberdade de escolha como resultado de preços menores de energia no país.

Aberto ao diálogo

Para a Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Atividades Nucleares (Abdan), o nome do almirante Bento Costa Lima é conhecido pelo segmento justamente por ter feito parte do programa nuclear da Marinha. O presidente da associação, Celso Cunha, afirma que o almirante é uma pessoa aberta ao diálogo e dará espaço para representante de qualquer fonte, independentemente de ter sido da área nuclear ou não.

Mas o segmento nuclear deve ter uma leve vantagem, já que, agora, o ocupante da pasta conhece a área nuclear e discussões como a retomada de Angra 3 podem ganhar relevância no setor. Aliás, segundo ele, a própria retomada da construção da usina pode ser resolvida mais rapidamente. Isto porque o ministério tendo alguém com conhecimento da área pode ajudar a tirar resistências que parcelas da população têm com a geração de energia nuclear – um dos principais entraves ao desenvolvimento do segmento.

Atualmente, o governo estuda a conclusão das obras de Angra 3. Prevista para entrar em operação em 2026, a usina está com as obras paradas desde 2015 e são necessários investimentos adicionais de R\$ 15 bilhões para terminá-la, ao passo que serão perdidos R\$ 12 bilhões para abandoná-la de vez.